

# A ILLUSTRACÃO

## LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 3,600 rs. — Semestre 1,920 rs. — Trimestre 1,000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 40. — SABBADO, 4 DE OUTUBRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4,500 — Semestre 2,5100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5,5000.

### SUMMARY.

Excerptos da Chronica d'el-rei D. Fernando I.—O Castigo do Senhor (continuação)—Historia natural—Constancia de jesuita (continuação)—Critica litteraria—Viagem á roda do toucador da minha Emilia—Reacção (poesia)—Villa Nova de Portimão—Quartel de cavallaria em Evora—Pobre Luiza! (continuação)—Mirandella—Cabo Ai-Todor—Abbadia de Westminster—Chronica GRAVURAS—Villa Nova de Portimão—Mirandella—O Cabo Ai-Todor—Quartel de cavallaria em Evora—Abbadia de Westminster.

### EXCERPTO DA CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO I.

« Os portuguezes, que foram alegres com a vinda dos inglezes para os virem ajudar a vingar dos castelhanos, começaram a entender os males que trazem as ajudas da gente de guerra que se pede a estranhos. Porque muito maior é o dano que elles fazem do que fariam os inimigos. Porque buscando-se por defensores ha mester contra elles outra defensão. E assim os inglezes, tanto que foram apresentados em Lisboa, não como homens que vinham defender a terra mas como homens que eram chamados para a offender e destruir, e buscar toda a deshonor aos moradores d'ella, começaram a se estender pela cidade, matando e roubando, e forçando mulheres, e mostrando tanto desprezo e dominio contra os naturaes como se foram seus capitaes inimigos. E o maior mal de todos era não terem a quem se queixar. Porque a el-rei não o ousavam fazer, porquanto tinha postas grandes penas, que ninguem os anojasse. E quando alguem se lhe queixava, dizia que fosse ao conde (1), o qual a isso dava mão remedio; e com isto lhe parecia que satisfazia aos queixosos.

« Chegou a cousa a tanto, que o conde mandou que tivessem os homens das quintas e casas o pendão da sua divisa, que era um falcão branco em campo vermelho; e o que o não tinha era roubado. E o mesmo faziam os lavradores, e pessoas que traziam bestas com mantimentos, os quaes se não mostravam os pendões, que lhes os inglezes vendiam por certa cousa, eram roubados. E não sómente se atreviam com a gente do povo mas com o mesmo rei. Porque vindo um dia suas azemalas de buscar agoa lançaram mão d'ellas, e as tomaram, dizendo que el-rei lhes devia soldo, e que o queriam penhorar; e se o conde as não mandara tornar lhe ficaram.

« E chegando certos d'aquelles inglezes á casa de um Vicente, jazendo elle já na cama com sua mulher, e um seu filho pequeno, que ainda era de mama, bateram á porta, que lhe abrisse, e não ousando elle

de o fazer lha quebraram, e entraram dentro, e começaram de ferir ao marido.

« A mulher com temor d'elles poz o menino ante si por o não ferirem, e nos braços d'ella o cortou um pelo meio com a espada, que vel-o foi um cruel espectáculo. A mãe levou aquelle menino assim partido a el-rei. Mas elle não ousou fazer n'aquelle caso justiça, e mandou que o levassem ao conde. D'esta maneira mandava el-rei ao conde muitas vezes fazer queixume, rogando-lhe, que não consentisse aos seus destruir a terra, ao que elle acodia frouxamente.

« Assim iam pelo termo de Lisboa roubar, e matavam quem lhes resistia. Eram tão daninhos que se a um vinha vontade de comer uma lingoa de uma vacca, matavam a vacca, e tirada a lingoa deitavam o mais ao fonge; e assim faziam ao vinho, e outras cousas.

« Por a qual razão assim como lhes iam dando cavallos os mandava el-rei á riba de Guadiana, e ás fronteiras. Mas elles em vez de entrarem por Castella, para o que foram chamados, volviam contra Portugal sobre riba Tejo a roubar quanto achavam. E assim fizeram muito dano em Villaviçosa, onde mataram alguns homens, e d'elles foram alguns mortos; e combateram Borba, Monsaraz, e Aviz, e escalarom o Redondo; e o mesmo tentaram fazer a Evora-monte se poderam. Nos logares porque passavam fazião tanto dano nos pães, vinhas e gados; e assim atormentavam homens para lhes descobrir onde tinham os mantimentos, como se elles foram castelhanos para cuja vingança foram vindos a Portugal. Os insultos que faziam eram tão grandes que as gentes se começaram a vingar d'elles o mais secretamente que podiam. De maneira que mataram d'elles tantos que de tres partes as duas foram mortos por suas culpas. — Duarte Nunes de Leão.

### O CASTIGO DO SENHOR.

#### CONTO AO SERÃO.

#### VII

#### UM INSTANTE MUDA A VIDA.

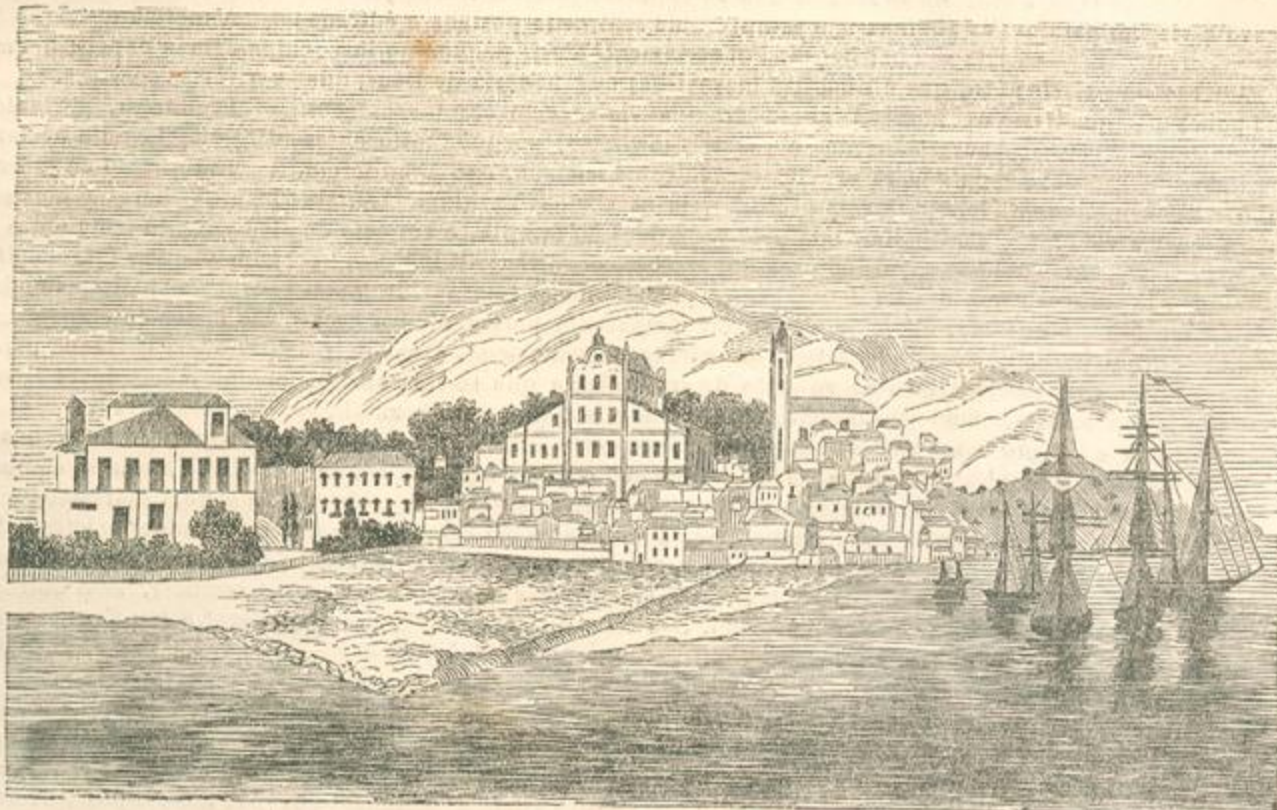
O proximo casamento de Laura não mudou os seus receios, e se riscava do pensamento de Fernando tudo que não fosse o seu amor, dava-lhe a ella toda a tranquillidade nas suas idéas, e por isso não se esqueceu de procurar o seu promettido esposo para averiguar o que podia dar azo ao rumor, que todas as noites se sentia na casa de Paulino, e que fazia crer á virgem no grande perigo em que estava a casa de seu pae, de ser assaltada pelos salteadores das proximidades.

Era mais de meia noite quando Theodoro perguntava, indo ao quarto de Paulino, se já seria occasião de ir ao encontro dos seus companheiros criminosos: a unica resposta do chefe foi erguer-se do logar em que estava e marchar; e em silencio atravessaram toda a casa, e em pouco se introduziram nos logares onde fomos no principio d'esta historia; procuraram a casa subterranea, que tinha sido feita na reparação do palacio, que pegava com a capella arruinada, e que datava de tempos muito anteriores ao conhecimento do filho de D. Pedro de Athaide; capella solitaria e onde por certo ha quarenta annos não resoava um unico hymno religioso, salvo se a afflicção levava algum dos culpados habitantes dos subterraneos a ajoelhar-se aos pés de Santa Maria, que no altar do topo parecia aconselhar a innocencia, mesmo nas horas mais criminosas. Pelos lados havia pequenas casas que serviam de quartos aos homens da cohorte de sangue, e outros que encerravam o fructo culposo da rapina.

Era no mais largo d'esses quartos que Paulino entrava, e que era chamado por elles a sala subterranea; mas no instante em que entrou ninguem ali se achava, o que lhe fez crer que novos crimes se juntavam ao numero já tão grande de que todos eram reos.

— Porque não viria ainda ninguem? Disse o Castigo do Senhor ao Filho da Tormenta.

A resposta não pôde ser pronunciada, porque gritos de piedade, e soccorro vieram tocar os ouvidos dos dois amigos; e era de mais uma mulher que os soltava desesperada: ia Paulino a precipitar-se no corredor que dava para o campo quando alguns dos seus companheiros entraram rodeando um mancebo de dezoito ou vinte annos que lutava no meio de punhaes e de braços inimigos, e que debalde pretendia libertar uma pobre mulher toda vestida de negro que de joelhos supplicava pela vida de



Villa Nova de Portimão.

(1) de Cambridge, seu commandante.





tro, vão atrás dos devaneios do gosto, ou antes da depravação do gosto. O nome litterario do sr. Mendes Leal impõe deveres a que não é licito fugir sem crime de lesa litteratura. É preciso que o homem não atraia o poeta, porque o critico tem direito a pedir contas de um ao outro. Não são tão abundantes os engenhos entre nós, e mui principalmente os engenhos creadores da scena, que se veja com indifferença o talento, que raiou para o theatro, perder-se por entre os desvarios de creações onde a verdade de sentimento é immolada ás visualidades das situações imprevisas, ou aos furores das paixões desencadeadas.

Não queremos fazer do sr. Mendes Leal um martyr da arte. Mas se os primeiros nomes, que figuram com lustre no rosto do moderno repertorio nacional, se aggregarem a essa caravana de engenhos anonymos, cuja procedencia se ignora assim como os destinos a que se dirigem, que será do theatro, da poesia, que será de qual-quer das formas que o talento busca para a sua manifestação?

Comprehendemos que um empresario do theatro explore a ignorancia das platéas e corra pressuroso atrás de todos os desvairamentos do gosto das turbas, afim de lhes espreitar os caprichos e satisfazer os mais frivolos desejos. N'estes é desculpavel o intento, porque explicam os seus maiores attentados contra a arte pelo avultado das receitas. Em o theatro refluindo de espectadores o drama ou a comedia são bons, embora a censura illustrada se não digne de lhes lançar os olhos com receio de aviltar os seus altos intuitos. Mas collocar a questão n'este ponto é reduzi-la aos seus termos menos litterarios. E não a resgatam d'esta macula original as palmas e brados de applauso de duas ou tres noites, com que um publico enebriado pelo effeito magico de algumas scenas de excitação sentimental, corôa o escriptor. Esses brados morrem sem ecco, essas palmas murcham nas mesmas noites em que brotam, sem que nem uma vá enamorar-se na corôa do poeta; e o poeta acorda do seu sonho de popularidade ephemera para se ver no dia seguinte alistado na longa fila dos Anicet-Bourgeois e Victor Ducang! E mais do que ninguem, o illustre autor dos *Homens de Marmore* deve de sentir o espinho de uma censura intima pun- gundo-lhe a sua bem entendida vaidade litteraria, porque n'essa noite que o theatro normal representou o seu drama *Miramar*, fez justamente um anno que um publico illustrado tinha visto sobre o mesmo palco a obra porventura mais perfeitamente litteraria do poeta, a *Herança do Chancellor*. A musa graciosa que lhe inspirou este mimo lyrico quasi que se retrahiu da scena, velando a fronte como que espavorida d'esses artificios para que appellara um talento tão seu, tão bafejado pelos favores de uma inspiração brilhante e creadora. O *Miramar* faz crer que o seu autor, desdenhando as glorias menos ruidosas proclama- das pela critica e aceites pelo consenso da opinião esclarecida, tornara ao ponto d'onde partira, aos *Dois Renegados*, e ao *Homem da Mascara Negra*, buscando na exageração do genero applausos mais estrepitosos. Mas é impossivel que o poeta se tenha enganado a esse ponto. A escola ultra, como todos os extravios do natural, teve o seu reinado e passou. O proprio monarcha de essa escola, Victor Hugo, vive em despeito do genero e não pelo genero.

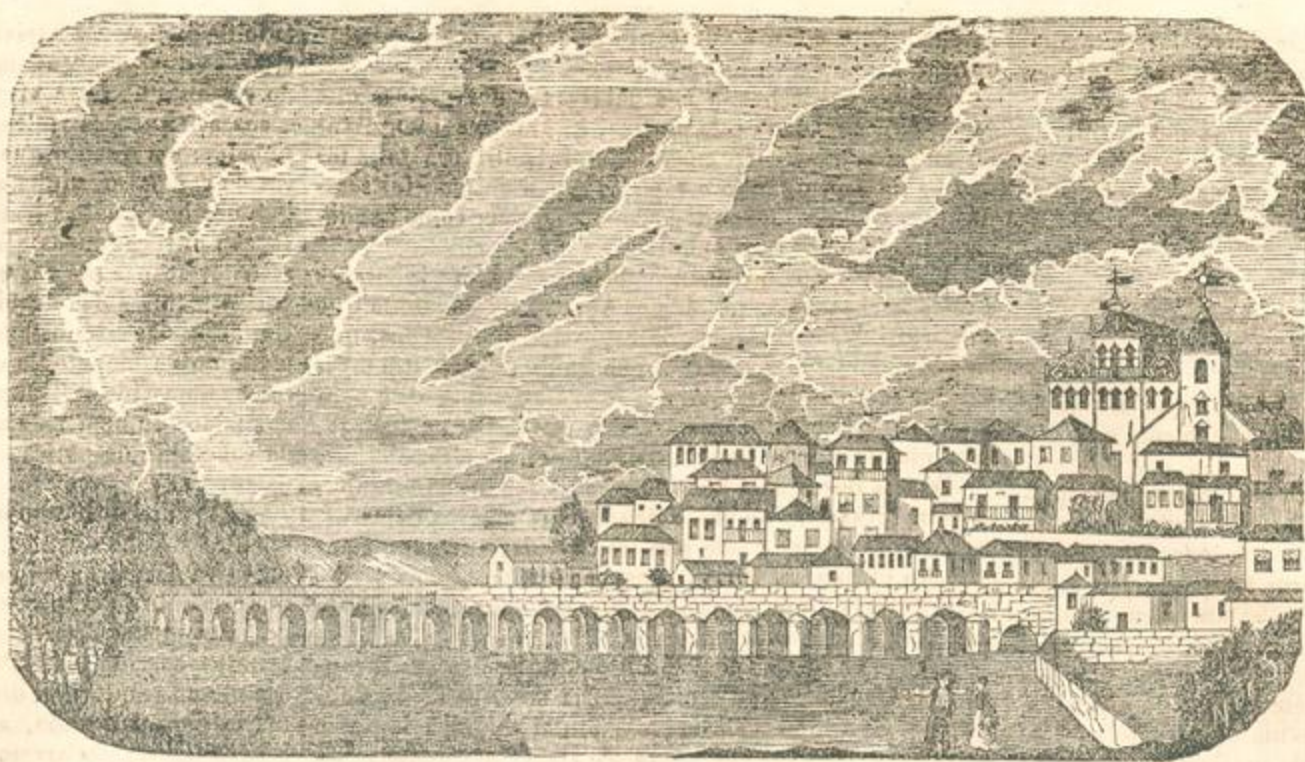
ANDRADE FERREIRA.

### VIAGEM Á RODA DO TOUCADOR DA MINHA EMILIA.

MEMORIAS DE UM NOIVO.

I

Estou para me casar!  
De hoje a dois dias serei o ente mais feliz do universo. Dizei eterno adeus ás loucuras de ho-



Mirandella.

mem solteiro — loucuras que se embriagam e deleitam, tambem apressam uma velhice prematura.

Adeus para sempre noites tempestuosas de orgia e delirio!

Adeus para sempre horas de illusão, seguidas de amargo desengano!

Adeus meus sonhos delirantes, em que a imaginação tomou sempre maior parte do que o coração!

Vou romper eternamente comvosco. D'aqui a quarenta e oito horas estarei casado.

Quanto tardam estas horas de serenidade para quem ainda vae correndo desarvorado por este tempestuoso oceano da vida de solteiro!

N'este momento em que estou sinto a pouco e pouco ir-se enfraquecendo o tufão; vejo romperem-se as nuvens da tempestade, e clarear no horizonte o limpido ceo da bonança.

Empregarei as horas que ainda me faltam para chegar ao porto, cuja proximidade já as aves do ceo me indicam, e as brisas da terra me denunciam, em me preparar para dignamente poder entrar no templo da minha felicidade, onde tenho de ir agradecer ao Omnipotente tamanha ventura.

Este templo, se o não edifiquei por minhas proprias mãos, foi comtudo por mim adornado. Não lhe esqueci nada. Quanto o pode embellezar ahi foi collocado com um esmero, com um cuidado, com uma vontade que hão de provar o fervor do meu culto.

Este templo é o toucador da minha noiva!

II

De certo passarei aqui as horas mais mysticas da minha existencia futura. A amizade e o amor fal-as-hão voar rapidas como minutos. Nem uma sombra de desgraça me poderá alcançar n'este templo do pudor e da ternura.

Se os vaivens da fortuna me perseguirem no mundo, aqui terei o meu asylo.



O Cabo Al-Todor.

A minha Emilia, que na hora da felicidade toda é fraqueza, timidez e dependencia, é aproximação do mais leve incommodo reunirá todas as forças do seu animo para, como por encanto, ser a minha consolação e esteio, soffrendo com inabalavel firmeza os procellosos furacões da adversidade.

A Providencia determinou que a mulher, mero prazer do homem nas felizes horas da vida, seja seu conforto e arrimo quando oppresso de calamidades.

Quando vejo a videira que por longo tempo circumdrou o carvalho com gracioso enleio, sendo por elle elevada, conservar-se-lhe unida, e ligar-lhe com seus elos os esgalhos que o raio lhe fendeu no rijo tronco, logo a imaginação me recorda a mulher levada pela mão da Providencia ao encontro do homem, para que ella,

fraca e timida nos breves instantes do prazer, seja intrepida e elevada nos longos martyrios da amargura.

Até a religião me santifica esta sociedade legitima entre o homem e a mulher, que o proprio Deus instituiu quando disse a Adão e a Eva: — cresci e multiplicaes.

Nos tempos antigos o casamento só foi um contracto civil, que por sua natureza estabelecia uma communidade indissolvel até á morte de qualquer d'elles. Veiu o maior de todos os philosophos do mundo, o Salvador, o Christo, e elevou-o á dignidade de sacramento.

Assim considerado, ensina-me a religião catholica que é um signal sensivel que confere a graça aos que o recebem, e significa a união de Jesus Christo com a igreja, na representação das seguintes imagens.

A igreja foi formada de Jesus Christo; assim a mulher foi formada do homem:

Jesus Christo é chefe da igreja, como o marido é o chefe de sua mulher:

A igreja e Jesus Christo fazem só um, e assim o homem e a mulher:

Um mesmo e unico espirito anima Jesus e a sua igreja: um mesmo e unico espirito deve animar as pessoas casadas:

Jesus Christo ama a igreja, e a igreja respeita o seu divino esposo. Taes devem ser os sentimentos do marido para com sua mulher, e da mulher para com seu marido:

Jesus está unido inseparavelmente á igreja, e nunca a abandonará: nada ha que possa romper sua união e reciproca fidelidade. Assim acontece com o marido e com a mulher: devem, durante a vida, guardar-se inviolavel fidelidade, e sua união sómente se pode romper pela morte d'um d'elles.

Estas imagens tão santas, tão puras, e tão christãs, induzem o marido a amar sua esposa, a dar-lhe bons exemplos, a ser indulgente para com os seus defeitos e fraquezas, e a tratar com ella dos seus negocios quanto a prudencia o permitta.

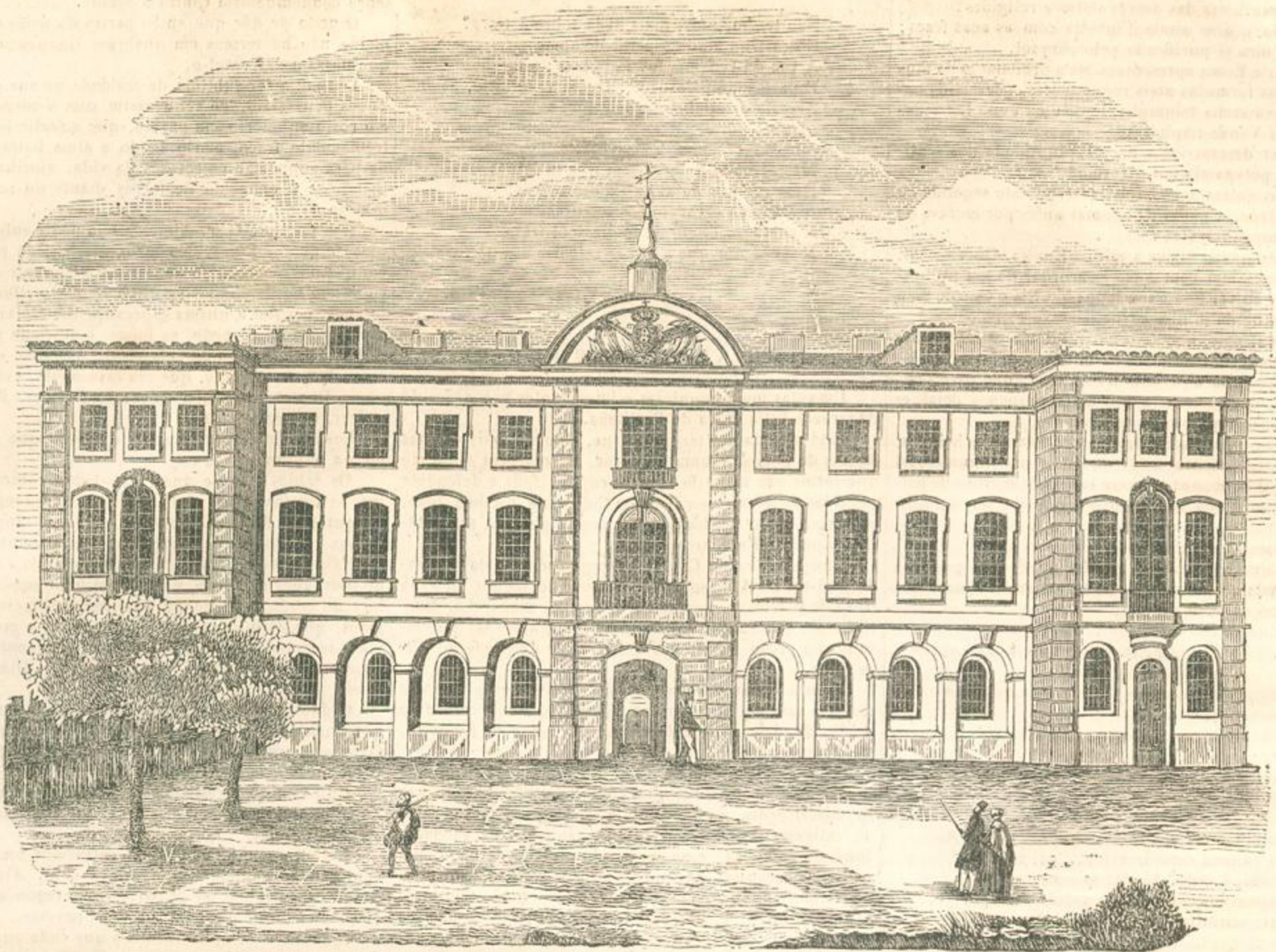
Elle é o senhor; e antes do peccado original era esta uma doce superioridade que depois se mudou n'um agro dominio para castigar o orgulho da mulher.

Porém um esposo virtuoso sabe tornar amave este jugo, e a união de dois corações forma um accordo tão perfeito, e torna tão facil e tão agradável á mulher a sua obediencia, que se dirá que ella compartilha a autoridade com seu esposo.

E tambem ella, por sua parte, deve respeitar a honrar o marido, ser-lhe submissa, mesmo ainda n'esses momentos de humor altivo e desarrasado: fazer o possivel por induzi-lo á virtude, captivar-o pelos seus exemplos, sua paciencia e conformidade, não esquecendo nunca que a felicidade vive presa á sua complacencia e doçura.

III

Como esta esposa christã, que a minha religião



Quartel de cavallaria em Evora.



Abbadia de Westminster.

me ensina a acreditar, e espero o seja a minha Emilia, differe das mulheres das outras seitas e religiões!

Estas são o oiro ainda d'involta com as suas fezes; aquella é o oiro já purificado pelo chrysol.

A Grecia e Roma apresentam-me a profanação da mulher nas suas formulas mais repugnantes, pervertida pelo vicio que marcha triumphante de uma Juno incestuosa para uma Venus impudica!

Mahomet descreve-m'a na voluptuosidade dos sentidos entre a polygamia e o divorcio!

Todas as outras seitas rebaixam-me este segundo eu na humanidade, a ponto de a tomar antes por escrava do que por companheira!...

Não: não quero assim a minha Emilia. Quero-a tal, que possa exclaimar com Adão ao acordar do seu profundo somno, e ao ver Eva a seu lado: — «Eis o osso do meu osso, e a carne da minha carne.»

Aqui está, pois, o motivo porque dou tanto apreço ao adorno do toucador da minha Emilia.

Quero que ella ao entrar n'esta casa, que para sempre vae ser sua, reconheça nos mais pequenos detalhes quanto a amo, e quanto a respeito.

Não será conduzida até aqui, como as antigas hebreas, ao som de instrumentos musicos, entre um innumeravel cortejo que a acompanhe; entre ramos de murta e de palmas. Virá encostada ao meu braço que vae ser seu protector.

Oh! como seremos felizes.

E para que nada falte a esta felicidade vou passar a ultima revista ao toucador que lhe preparei. Quero que o ache digno de mim e d'ella.

Continua. F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

REACÇÃO.

Não posso crer extincta a grande vida Que já meu coração viveu... ai! não. É cedo, é cedo. Ainda, ás vezes, sinto Nas mornas cinzas d'um volcão extincto Luzir scintilla ardente de paixão.

Relampago fugaz me luz na alma; No sangue sinto electrico vigor; Mais linda vejo a terra, o ceo mais lindo; Desvairo-me em visões d'um mundo infindo; Resinto o palpitar do antigo amor.

Chimera louca de infeliz que espera, Perdido nauta, a salvação por fim! Desceu perpetua noite em minha vida: O meu dia lá vae, a aurora querida Jámais tem de luzir, jámais p'ra mim.

É triste! Mal sabeis que sangue é esse Que vem no pranto do que diz «sou só!» Tremendo deve ser o desconforto D'aquelle que palpou no peito morto, Em vez de coração, urna de pó!

Não mais se vibram n'alma os grandes hymnos, Tangidos pela mão de ignoto Deus. Não mais se eleva o canto ardido e ousado; O genio cae, e arrasta-se aviltado, Não pode mais fitar olhos nos ceos

A gloria? Não mais luz nos sonhos d'elle. Vaidade? Nem do genio a tem sequer. A gloria! oh! ella é bella quando é filha Do coração, e reflectida brilha Na fronte pura e virgem da mulher!

Sem amor, sem paixão, que importa o genio? É dom terrivel que exacerba a dôr; É lente que engrandece aquelle abysmo Onde mora o terror, d'onde o cynismo Repelle o anjo bom do santo amor.

Se eu amasse... talvez sentisse enlevos Que me erguessem do lodo d'este chão, Em extasis de crente, onde já pude Levár os sons do mystico alaude Que emmudeceu, exausto o coração.

Talvez amasse a vida, e amasse os homens E cresse na virtude, e ardesse em fé, E desse a mão aos desvalidos d'ella, Á quellas que, nas vascas da procella, Não podem crer que Deus refugio é.

Não tenho, pois, mais nada sobre a terra? É desatino ainda esperar do amor A voz da redempção? Pois bem: a morte É premio, é galardão... Homem, sê forte, Arrasta á sepultura a tua dôr!

Mas arrastal-a debes sem que os labios Revelem que da angustia escravo és. A maxima coragem nas torturas É calal-as. «Soffrer, fingir venturas» É ser maior que a dôr — calcal-a aos pés.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

VILLA NOVA DE PORTIMÃO.

Uma das mais populosas e importantes povoações do Algarve é Villa Nova de Portimão.

Está situada em terreno plano, a pouco mais de duas leguas de Lagos, e uma de Alvor, na margem d'um rio que forma um magnifico porto, cuja entrada é defendida por duas fortalezas — a de Santa Catharina, e a de S. João, e no qual pode fundear e estar com segurança um avultado numero d'embarcações.

Gonçalo Vaz de Castello Branco, escrivão da puridade d'el-rei D. Affonso V, foi o primeiro senhor de Villa Nova de Portimão, por mercê do mesmo monarcha. Martinho de Castello Branco, filho de Gonçalo Vaz, foi elevado por el-rei D. Manuel á dignidade de conde de Villa Nova.

Com o andar dos tempos veio a pertencer o senhorio d'ella á casa de Lencastro em consequencia do consorcio de D. Magdalena de Vilhena com o conde de Figueiró, D. Pedro de Lencastro.

Villa Nova de Portimão tem uma unica parochia com a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Ha ali casa de misericordia, e um hospital pertencente á mesma. Teve antigamente um convento de capuchos da Piedade, fundado em 1541, e no arrabalde do lado da terra, um collegio de jesuitas, que parece ter sido fundado em 1660.

Commercialmente, Villa Nova de Portimão tem muita importancia; e considerada por este lado, se não é a primeira povoação do Algarve, é de certo das mais consideraveis.

QUARTEL DE CAVALLARIA EM EVORA.

O bello e vasto quartel de cavallaria em Evora, foi edificado no castello que fazia parte das obras de defesa da cidade.

Em 1774, o conde d'Atalaia, governador da provincia do Alentejo, ordenou aos deputados do celloiro comum, que se achava então no castello, que despejassem a parte que o mesmo celloiro occupava, afim de se proceder ali á construcção dos quartéis necessarios para um regimento de cavallaria.

Não se sabe quem traçou o edificio, nem quem dirigiu a obra; mas suppõe-se que esta, começada por esse mesmo anno, fôra interrompida por bastante tempo.

É certo, porém, que em 1793 continuou de novo sendo dirigida pelo tenente coronel d'engenheiros Villa Nova, que mais tarde foi substituido pelo major Sant'Anna, tambem d'engenheiros. Foi concluida em 1807.

O quartel é da forma d'um rectangulo. Tem 335 palmos de frente e 322 dos lados. Em cada um dos cantos eleva-se um torreão. Consta de dois andares para alojamento dos officiaes, praças de pret, arrecadações, secretaria, etc., e do pavimento terreo que serve para as cavalharias. No centro tem um pateo, de 86 palmos, quadrado, que muito facilita a ventilação de todo o edificio.

A gravura representa a fachada principal, que se vê ter sido feita com gosto, reunindo belleza e elegancia.

POBRE LUIZA!

ROMANCE CONTEMPORANEO.

Continuação

V

QUEM ERA LUIZA!

Luíza recuperara os sentidos. O medico ao examinal-a, quando ella chegou a casa com o sr. Almeida, voltou a cara para o lado e torceu o nariz.

— É serio? perguntou o sr. Almeida n'aquelle momento de anciedade.

O Esculapio, endireitando então os oculos que sempre trazia assitados no adunco nariz, e piscando os olhos, que, graças áquella maravilhosa invenção, podia subtrahir á curiosidade de quem tentasse ler n'elles a alma negra do homem, e os pensamentos damnados e mesquinhos do invejoso, virou-se para o sr. Almeida, depois de ter assumido aquelle ar de balofa e affectada sciencia

que a gente que o conhecia lhe negava, e proferiu a sentença condemnatoria contra a doente.

O grito de dôr que então partiu do peito do sr. Almeida não ha termos em qualquer linguagem humana que possam descrevel-o.

Chegou a ser sublime de fealdade na sua desolação. Todos pensariam, ao vel-o assim com o corpo curvado e o rosto submerso em pranto, que aquelle homem extremamente fraco, e não tendo a alma bastante elevada para supportar os revezes da vida, ajoelhava humilhando-se e exausto de forças diante do seu terrivel destino.

E era assim. O sr. Almeida não podia subjeitar-se á idéa de perder Luiza. No meio, porém, da prostração, em que o desengano do doutor lhe fizera cair o espirito, cobrando novos alentos, porque desejava illudir-se a si mesmo, porque a ultima esperança lhe era tão cara como a ponta do rochedo, ao longe, é desejada pelo nauta que se vê em perigo de vida; o sr. Almeida, em um accesso de generosidade, que era rara n'elle, exclamou:

— Doutor, disponha da minha fortuna. Peça o que quizer, mas salve-m'a.

Foi indefinivel a expressão d'alegria que então animou a physionomia d'este.

Os labios finos e quasi achatados contrahiram-se-lhe; as suissas, d'um preto azevichado, cedendo aos movimentos da face, dilataram-se deixando apparecer algumas bexigas mal disfarçadas, que a natureza lhe semeara pelo rosto; enfim, como denotando a raça mixta de portuguez e gallego, e a aptidão para empunhar a rabicha do arado antes do que para manejar o escalpello, as mãos, que eram prodigiosamente curtas e grossas, moviam-se apressadas, e esfregando-se uma contra a outra, parecia seguirem as affectões mais reconditas e tumultuosas do espirito.

O doutor, depois de pensar alguns minutos, e não querendo perder um negocio que se apresentava sob tão favoraveis auspicios, assegurou ao sr. Almeida que empregaria todos os recursos da sciencia.

Entretanto eu, Barbosa, e o official de marinha, a quem elle dera o nome de Fernando, tinhamos chegado a casa de Luiza.

Barbosa então, depois de entrarmos em uma sala contigua ao gabinete onde estava o sr. Almeida com o medico, tomando-me de parte, encarregou-me de dizer ao primeiro que o esperavam duas pessoas.

Ignorando completamente o que tudo aquillo significava, mas percebendo que o official de marinha teria grande influencia na sorte de Luiza, acceitei a missão e fui chamar o sr. Almeida.

Foi n'esta occasião que assisti ao que acabo de descrever-te.

O sr. Almeida não se fez esperar.

D'ahi a momentos, quatro homens, representando cada um faces bem distinctas na vida de Luiza, achavam-se sós em uma sala cujas portas tinham sido cuidadosamente fechadas. Esses homens eram Barbosa, o sr. Almeida, Fernando, e eu.

Barbosa, sem dar tempo ao sr. Almeida para fallar, foi o primeiro que começou:

— O sr. Almeida, disse elle, não sabe por ora os motivos que nos trazem aqui. Nem isso importa. Antes, porém, de principiar a dizer-lhe o que quero, tomarei a liberdade de perguntar como está a doente.

— Luiza, redargui o sr. Almeida, está pouco melhor. Espero que não será coisa de cuidado. Assim m'o afirmou o doutor...

Barbosa interrompeu-o, dizendo:

— Sei quem é esse medico. É um grande charlatão. O sr. Almeida hade despedil-o, porque elle é incapaz de curar Luiza. Em seu logar fica o meu amigo Fernando, que é um habil facultativo.

— Mas... balbuciou o sr. Almeida.

— Aqui não ha objecções a pôr, redargui Barbosa. O unico homem capaz de cural-a é Fernando; e apontou para o official de marinha.

— N'esse caso, exclamou o sr. Almeida, consinto. Vou já despedir o medico.

E juntando a acção á palavra, voltou d'ahi a instantes, dizendo que o sr. Fernando podia ir ver a doente.

Barbosa tomou Fernando pela mão e dirigiu-se com elle para o quartó de Luiza. O sr. Almeida seguia-os; porém Barbosa fechou-lhe a porta, e elle teve d'esperar.

— Fernando!... e outro nome, que apenas soou aos nossos ouvidos, foi a exclamação que veio interromper o silencio que reinava na sala onde o sr. Almeida, passeando, e eu estavamos.

D'ahi a pouco Barbosa, entrando de novo, tornou a fechar a porta sobre si e metteu a chave no bolso; depois, sentando-se, e correndo a mão pela testa por onde se deslissavam algumas gotas de suor frio, começou assim:

— Sr. Almeida, se eu não o conhecesse ha muito tempo, se não soubesse que é um... impudente, continuou Barbosa accentuando n'esta ultima palavra, por certo o não trataria como o tenho tratado.

Sentado defronte de Barbosa, o sr. Almeida fez-se livido ao ouvir aquellas palavras. Quiz redarguir; mas contava tão pouco com o ataque d'aquelle, que, prendendo-se-lhe a voz, apenas proferiu sons difficulosamente articulados.



